

O ESPAÇO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE: ENFRENTANDO O MACHISMO/RACISMO ESTRUTURAL NA POLÍTICA EM MONTES CLAROS-MG

Jennifer Taís Lima de Oliveira¹

Resumo: Esse resumo expandido tem como objetivo analisar a realidade da mulher negra, com ênfase no âmbito político de Montes Claros-MG, mostra também como podem sofrer desigualdades por serem mulheres e negras, e diante do etnocentrismo pode piorar a vivência dessa mulher dentro da sociedade. Esse trabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, assim, evidenciando a dificuldade de inserção da mulher nesse âmbito político.

Palavras chaves: Mulheres; Negras; Etnocentrismo; Política.

Abstract: This expanded summary aims to analyze the reality of black women, with an emphasis on the political sphere of Montes Claros-MG, it also shows how they can suffer inequalities because they are women and black, and in the face of ethnocentrism it can worsen the experience of these women within society. This work was developed through bibliographical research, thus highlighting the difficulty of inserting women in this political sphere.

Keywords: Women; Black; Ethnocentrism; Policy.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade historicamente guiada por um machismo/racismo estrutural, faz-se necessário repensar como a mulher, em especial a mulher preta, se insere, e está inserida, em vários espaços e contextos na sociedade. De acordo com Gonzalez (2020), o racismo é caracterizado como uma construção ideológica que direcionam certas práticas atingirem distintas ações de discriminação racial. É um discurso de exclusão que beneficia aqueles que praticam esse tipo de desigualdade na sociedade. O racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a “superioridade” branca a uma “inferioridade” negro-africana. É evidente que o feminismo desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, conforme foi apresentada novas questões, estimulou e desenvolveu a busca por uma maneira nova de ser mulher.

¹ Aluna de Serviço Social, 4º período na UNIMONTES-Universidade Estadual de Montes Claros em Minas Gerais. (2024)
taisjennifer17@gmail.com

O sexto caderno (série) intitulado *Assistente Social no combate ao preconceito*², publicado pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), cita que o machismo foi historicamente construído, sendo disseminado de forma diversificada em diferentes tempos e sociedades. Trata-se de um preconceito sustentado por uma ideia de que o homem tem poder sobre a mulher, podendo exercer domínio sobre ela. Sob tais influências, existe um desmerecimento, a sustentação de práticas de controle dos seus comportamentos e, também, formas de apropriação do seu tempo, corpo e trabalho.

Muito se tem falado, nos últimos tempos, sobre violências, preconceitos, mas, também, sobre o protagonismo das mulheres negras. Contudo, se observarmos a nossa volta, mesmo com toda a qualificação e capacitação da mulher negra, ela não é valorizada. A autora Akotirene (2019) usa o termo interseccionalidade para nos mostrar como as mulheres negras são discriminadas e marginalizadas estruturalmente. Esse conceito destaca a complexidade entre diferentes formas de opressão e discriminação e como essa opressão se sobrepõe na vida das pessoas. A interseccionalidade equipa os movimentos antirracistas, feministas e instâncias protetivas dos direitos humanos a lidarem com as pautas das mulheres negras. Pois não adianta uma empresa passar a contratar pessoas negras mas manter a discriminação em atos, como escolher cargos inferiores a esses. Houve um caso com esse contexto que citei:

Em 1976, a trabalhadora Emma DeGraffenreid e várias mulheres negras processaram a General Motors por discriminação, sob o argumento de que a empresa segregava a força de trabalho por raça e gênero, pois os homens negros trabalhavam na linha de montagem e as mulheres brancas nos serviços de secretariado. Para a Corte, tradicionalmente masculina e branca, é muito difícil compreender a identidade interseccional e criminalizar o racismo e o sexismo institucionalizados contra as mulheres negras sem enveredar pelos mesmos expedientes que as levaram recorrer às leis antidiscriminação, senão doesmarginalizar raça e gênero. (AKOTIRENE, 2019, p. 37)

² Livros, brochuras e outras informações com opção de download do CFESS:
<https://www.cfess.org.br/visualizar/livros>.

Frente a uma histórica cultura preconceituosa e de opressões, entende-se que nenhuma escolaridade, por si só, será suficiente para que tenham um espaço em uma sociedade racista. A condição de vida, de trabalho, de reconhecimento e respeito da mulher negra, ainda, evidencia a existência de perversas desigualdades socioeconômicas que não estão dissociadas das questões raciais e de gênero, somadas às contradições de uma sociedade desigual e de classes³.

Gonzalez (2020) apresenta porcentagem da mulher negra na força de trabalho, tínhamos 11,3 milhões de mulheres em 1976, no qual 57% se reconheciam como brancas e 40% como negras (pretas e pardas). A maior concentração do trabalho feminino ocorre nos setores de prestação de serviço e de comércio de mercadorias, mas 69% das mulheres negras trabalham como agricultura e na prestação de serviço, assim quer dizer que, as atividades sociais e o comércio absorvem principalmente mulheres brancas. O espaço que a mulher negra ocupa é muito menor, mostra que a luta é cansativa e longa. Seguindo essa linha raciocínio, cerca de 50% das famílias brasileiras brancas possuem um rendimento de três salários mínimos, contra 81% das famílias pretas e 71% das pardas. Apesar da família negra ter um maior número de integrantes também ganham menos do que as famílias brancas.

Um professor de sociologia chamado Francisco Porfírio fez um artigo onde fala como o etnocentrismo impacta na não alteridade de um observador⁴. O etnocentrismo defende a posição de que os diferentes étnicos podem referir-se com diferentes “raças”, no campo da antropologia e sociologia a espécie humana era classificada por distintas raças hierarquizadas, de modo que algumas fossem superiores a outras.

Diante do exposto é que se apresenta esta comunicação, resultante de pesquisas bibliográficas e documentais, com viés explicativo. Tem como principal objetivo entender

³ Em uma entrevista para o documentário “As divas negras do cinema brasileiro” Lélia Gonzalez faz uma análise em aspectos de classes para pensar a estrutura da sociedade. <https://www.brasilefato.com.br/2019/11/19/racismo-e-machismo-mantem-mulheresnegras-no-grupo-demenores-salarios-do-pais>.

⁴ “A palavra etnocentrismo designa uma forma de enxergar outra etnia (e suas derivações, como cultura, hábitos, religião, idioma e formas de vida em geral) com base na etnia própria”
Veja mais sobre “Etnocentrismo” em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo.htm>.

os espaços se inserção e ocupados pelas mulheres negras considerando, particularmente, a existência do espaço para a mulher negra com ênfase na política.

Acredita-se que é relevante debater este tema considerando a realidade vivenciadas pelas mulheres negras, inseridas em diferentes espaços sociais. Dentre os principalmente questionamentos que ora se apresenta, destacam-se: quebrando barreiras essa mulher pode alcançar um reconhecimento na sociedade? Ela pode alcançar algum privilégio na sociedade? Em Montes Claros-MG podemos encontrar estudos sobre essa temática? Vale ressaltar que um pensamento etnocêntrico pode minimizar ou até mesmo justificar as práticas discriminatórias com base em critérios culturais próprios a essa luta.

MÉTODO:

A presente comunicação foi elaborada com base em pesquisas realizadas no segundo semestre do ano de 2023. As abordagens qualitativas e quantitativas foram indispensáveis para o desenvolvimento dessa pesquisa que tem um viés explicativo. Os dados e as informações foram analisadas sob uma perspectiva crítica, mediante a realização de estudos bibliográficos e documentais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a percepção do machismo/racismo estrutural a proposta dessa pesquisa consistiu em averiguar, a partir da metodologia adotada, a existência de espaço político para a mulher negra. Segundo Moura, Zuba e Ferreira (2021), em 2020, as mulheres ocuparam 16% dos cargos de vereadoras no Brasil, e dentro dessa porcentagem 6,3% foram vereadoras negras eleitas. A participação da mulher na política tem apenas 87 anos com a conquista de poder votar, porém a sua candidatura conta com vários empecilhos.

De acordo com o site do Senado Federal⁵ Luiz Inácio Lula da Silva incluiu o nome de Antonieta de Barros no livro de heróis e heroínas da Pátria, ela foi a primeira mulher

⁵ Deputada negra é reconhecida como heroína da Pátria
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/01/05/primeira-deputada-negra-do-brasil-e>

negra a assumir um mandato popular no Brasil, em Santa Catarina nas décadas de 1930, filha de escrava liberta ela foi excepcional na luta contra a discriminação dos negros e das mulheres.

No entanto, ainda em 2020 um total de 2.952 municípios do país ainda permaneceram sem nenhuma mulher negra eleita. Em Montes Claros-MG a maior cidade do Norte de Minas, pela primeira vez nessa quantidade, elegeu 4 (quatro) mulheres. Entretanto, nenhuma se declarou como negra, e isso merece ser estudado. Sobre esses dados, ainda é possível analisar a desigualdade formal entre homens e mulheres na disputa eleitoral. Entender o caminho destas mulheres que passaram pela democracia é compreender a representatividade que elas tiveram/tem.

De acordo com o site da prefeitura de Montes Claros-MG⁶, Maria Aparecida Bispo foi a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de Montes Claros-MG. Como Vereadora, comentava que ela era exatamente o contrário do que uma sociedade elitista e machista poderia imaginar: “mulher, pobre, preta e professora”. Ela desafiou estereótipos e preconceitos ao representar uma parcela da população que é frequentemente marginalizada e sub-representada na política, ela contrariou as expectativas de uma sociedade machista e elitista, foi um marco a sua presença na Câmara Municipal de Montes Claros de inclusão e diversidade.

Recentemente, nas eleições de 2022, A Assembleia Legislativa de Minas teve 4 mulheres negras eleitas para deputadas estaduais, de acordo com o Jornal Braziliense⁷ foram elas:

- Leninha (PT), com 65.864 votos;

[reconhecida-como-heroina-da-patria#:~:text=Antonieta%20de%20Barros%20\(1901%2D1952,eleitas%20na%20hist%C3%B3ria%20do%20pa%C3%AAs.](#)

⁶ Maria Aparecida Bispo foi convocada no último ano da legislatura 1977 a 1982 para substituir o vereador Luiz Tadeu Leite. Na condição de suplente, ela atuou no cargo de 18 de maio de 1982 a 19 de janeiro de 1983. <https://www.montesclaros.mg.leg.br/institucional/noticias/tv-camara-apresenta-serie-especial-em-homenagens-as-mulheres>

⁷ A representatividade negra na Assembleia Legislativa de Minas aumentou nesta eleição, passando de três para quatro as deputadas preta <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5041608-quatro-mulheres-ampliam-representatividade-negra-na-assembleia-de-minas.html>

- Andréia de Jesus (PT), com 51.120;
- Macaé Evaristo (PT), com 50.416;
- Ana Paula Siqueira (Rede), com 33.621.

A quantidade de votos que essas mulheres negras tiveram e foram eleitas pode ser um começo de vitória, reconhecimento e visibilidade a figuras historicamente negligenciadas. Mas, as disparidades existentes entre homens e mulheres, e entre mulheres brancas e mulheres negras ainda é muito expressiva.

A Deputada Marilene Alves de Souza, Leninha (PT) foi homenageada em Montes Claros-MG e recebeu o título de Cidadã Benemérita, uma honraria a pessoas que praticam atos de relevância e interesse social em favor da população. No seu pronunciamento ela destacou: “Para chegar até aqui eu procurei andar com pessoas do bem, tratar todos com amor, carinho e diálogo. Sou defensora de todos, principalmente das mulheres, minha defesa não tem bandeira, represento a voz de todas as diversidades”⁸. Há cerca de 30 anos Leninha se juntou com a luta do Centro de Agricultura do Norte de Minas (CAA-NM), fez parte do sertão semiárido, ouvindo e olhando com carinho a diversidade, cultura e religião, ela contribuiu na construção de importantes políticas públicas que ajudou e ajuda várias vidas em diversas comunidades. Nessa entrevista com o CAA-NM ela destacou que ser mulher e ser mulher negra no parlamento significa aprofundar na questão de interseccionalidade, considerando a diversidade das mulheres, seja em cor, raça e sexualidade, ainda destacou a importância de lutar pela justiça na questão da divisão do trabalho, sobre desigualdades na remuneração das mulheres e na luta contra a violência.⁹

Andreia de Jesus (PT) é advogada popular, educadora infantil e mãe solo, trabalhou como doméstica na sua juventude e é a primeira da sua família a fazer um curso superior, ingressa na universidade através de políticas de ações afirmativas, sua segue ao

⁸ Deputada Leninha recebe Título de Cidadã Benemérita [Deputada Leninha recebe título de Cidadã Benemérita — Montes Claros](#)

⁹ Semente de luta floresce na Assembleia Legislativa de Minas Gerais [Semente de luta floresce na Assembleia Legislativa de Minas Gerais \(caa.org.br\)](#)

lado das pessoas privadas de liberdade e das ocupações urbanas e pela vida da juventude negra¹⁰.

Macaé Maria Evaristo dos Santos (PT) é graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), foi a primeira mulher negra a ocupar os cargos de secretariado municipal e estadual de Educação. Em 2013 assumiu a Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), durante sua gestão insistiu no Programa Bolsa Permanência, para os estuantes que atendiam aos critérios da política de cotas e a indígenas e quilombolas matriculados em universidades federais.¹¹

Ana Paula Siqueira (REDE) Assistente Social, mãe e professora nasceu e cresceu na periferia de Belo Horizonte. Teve cargo de chefia nos ambientes público e privado, apresentou mais de 150 projetos, alguns se tornaram leis. Direitos das mulheres, proteção das crianças e dos idosos, oportunidade para a juventude, gerar emprego e preservação ambiental. Isso é o que ela prega para uma sociedade melhor.¹²

O objetivo de mostrar um pouco a trajetória das deputadas é que vida delas não está distante da vida da mulher preta que você/nós conhece, essa representatividade é o que nos deixa viva, nos dando força para conquistar nossos objetivos, de sermos respeitadas e valorizadas.

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. Enquanto seu homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares. (GONZALEZ, 2020, p.50)

¹⁰ Andreia de Jesus [Andréia de Jesus / PT - Assembleia Legislativa de Minas Gerais \(almg.gov.br\)](https://almg.gov.br)

¹¹ Macaé Maria Evaristo dos Santos [Macaé Evaristo – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Macaé_Evaristo)

¹² Ana Paula Siqueira [Ana Paula Siqueira | Deputada Estadual por Minas Gerais](https://www.camara.gov.br/deputado/Ana-Paula-Siqueira)

Na análise de Gonzalez (2020) a mulher não tem alternativas para seguir uma vida comum pois ela é inferior a uma mulher branca e isso por sua dupla jornada de trabalho que ela tem que enfrenta, como, buscar água em uma bica qualquer da favela, preparação de uma refeição que sua família tem que fazer e distribuição de tarefa com seus filhos mais velhos, para que cuidem dos mais novos, após isso se dirige a casa da sua patroa, com horas antes por conta da sua condução e lá fica o dia todo, sem saber como e onde estão seus filhos que por uma sociedade discriminadora são sujeitos a passar por muitas desigualdades. Essa citação posta depois dos números de votos que mulheres negras tiveram é chocante e pouco aliviador, porém não está distante do que vivemos agora, é tão perto que não precisa ir muito longe para encontrar mulheres negras nessa situação de vida. Quando elas não estão como domésticas, encontramos elas também como “serviços gerais” em escolas, hospitais ou empresas privadas, como prestadoras de serviço e remuneração precária.

Gonzalez (2020) situa que o Censo de 1980, demonstra que permanecemos em uma sociedade hierarquizada, em quesito a acesso aos melhores salários nas diferenças profissões e na relação de hierarquia vamos encontrar em primeiro plano o homem branco, abaixo a mulher branca, em seguida o homem negro e por fim a mulher negra. Aqui, nessa sociedade vemos as diferenças vistas como desigualdades, os brancos usam sua cor de pele para ter vantagens sob outras raças/etnias. Uma sociedade onde o fato de ser de outra cor se difere como inferior ou é visto como vantagem para uma outra classe. Sabendo que parte da classe trabalhadora está no processo de tentativa em termos de luta de classes, luta por seus direitos, buscando defender e ampliar sua condição de vida. Essa luta não é uma questão de moral e sim de justiça social e econômica .

Onde o fato de ser negro, portanto diferente do branco, significa ser inferior ao branco. Onde o fato de se ser índio, portanto diferente do branco, significa ser inferior ao branco. Onde o fato de se ser mulher, portanto diferente do homem, significa ser inferior ao homem. Uma sociedade profundamente injusta, porque hierárquica. Uma sociedade onde, efetivamente, as relações de classe costumam a se estabelecer, embora nos polos mais avançados

da produção econômica essas relações tenham se desenvolvido e, evidentemente, se espalhado por aí. (GONZALEZ, 2019, p. 231)

Nesse estudo foi observada a falta de reconhecimento de mulheres negras em diferentes espaços, como o da política. E essa análise não pôde desconsiderar a existência de uma totalidade social burguesa que sustenta ideários e uma lógica societária ainda favorável para essa estrutura societária machista que exclui e diminui mulheres independentes. A consciência da opressão acontece antes de tudo por causa da raça, a exploração de classe se dá pela luta comum de homens e mulheres pertencentes a um grupo.

De acordo com Collins (2019) tem uma sombra que obscurece a tradição intelectual das mulheres negras, omitir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo de oprimido facilita o poder por parte dos grupos dominantes. Mulheres negras que reivindicam chamam atenção para a política de supressão que seus projetos enfrentam.

Independentemente de classe social e de outras diferenças entre as estadunidenses negras, todas elas foram afetadas de alguma maneira por opressões interseccionais de raça, gênero e classe. As dimensões econômica, política e ideológica da opressão suprimiram a produção intelectual das pensadoras feministas negras. Ao mesmo tempo, essas mesmas condições sociais estimularam entre as estadunidenses negras padrões específicos de ativismo que também influenciaram e foram influenciados pelas pensadoras negras. Assim, caracterizando as experiências das estadunidenses negras marcadas por opressões interseccionais, a dialética entre opressão e ativismo também influenciou as ideias e as iniciativas das intelectuais negras. (COLLINS, 2019, p.13)

A autora demarca as mulheres negras dos Estados Unidos, e que a exclusão das ideias delas é uma forma de discriminação. As realidades das mulheres negras são negadas por todos os pressupostos do pertencimento plano a um grupo: a branquitude como condição de integrar o pensamento feminino, a masculinidade como condição para integrar o pensamento social e político negro, e essa combinação se faz parte do setor dominante da academia. E usando isso em uma perspectiva de todo, o que uma mulher negra fala, para ser reconhecimento é tão desgastante que muitas das vezes é esquecido

pelos caminhos, a mulher preta tem que esta provando e justificando o tempo suas falas para que ela seja escutada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das averiguações realizadas na elaboração da pesquisa, entende-se que se faz necessário repensar as desigualdades raciais e de gênero que ainda determina posições, o “trato” e a valorização das mulheres negras pelo que elas são, explorar mais fundo as raízes históricas e estruturais dessas desigualdades apresentadas, esse sistema de opressão se perpetua e impacta a vida das mulheres negras em diferentes aspectos incluindo o acesso a política. A política é um desses espaços valorativos que versam muito sobre a coletividade, e ele também precisa ser ocupado por esse público, é fundamental a implementação de políticas públicas específicas para a abordagem de enfrentamento pelas mulheres negras, para garantir acesso igualitário promovendo representação em todas as esferas de poder.

Destaca-se também a importância da desconstrução do etnocentrismo e da reflexão sobre os privilégios associados ao gênero e a raça, tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

Então, companheiros, num momento como este, é importante que nós todos reflitamos, nós do movimento negro, da população negra, por que somos os grandes explorados e oprimidos desta nação. Vejamos esta sociedade como um todo, porque temos os nossos irmãos brancos também explorados, claro que não tanto quanto nós. (GONZALEZ, 2019, p. 208)

Gonzalez deixou esse parágrafo como um despertar de consciência, sabemos das distintas desigualdades, porém quem levou chicota nas costas fomos nós, os pretos. Quem teve seus filhos arrancados e foram submetidas a várias exposições de violência foram nós, as pretas. Acredita-se que a contribuição e inserção das mulheres negras nesse espaço de política é fundamental para seu reconhecimento, ampliação de sua participação ativa e de resistência. Ademais, entende-se que a perspectiva etnocêntrica pode dificultar o reconhecimento dos privilégios associados ao gênero e à raça, já que estruturas de poder e desigualdades podem ser internalizadas como normais dentro da própria cultura.

Sempre será relevante o estudo sobre esse tema e de como é oferecido conhecimento individual e coletivo. Avanços sociais na ampliação democrática demanda a presença de mulheres, (re)conhecendo a participação feminina na história.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político econômica. In: LIMA, Marcia e RIOS, Flávia orgs. **Por um Feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismoafrolatino-americano.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MOURA, Mayra Paula Bispo de; ZUBA, Júlia Gomes; FERREIRA, Maria da Luz Alves. O Lugar das mulheres negras na política durante os anos de 1982 – 2020 na cidade de Montes Claros-MG. In: **Anais do 10º Coninter - Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**. Anais...Niterói(RJ) Programa de PósGraduação em, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xc22021/432237-o-lugar-dasmulhereshttps://www.even3.com.br/anais/xc22021/432237-o-lugar-das-mulheres-negras-na-politica-durante-os-anos-de-1982--2020-na-cidade-de-montes-claros--mg/negras-na-politica-durante-os-anos-de-1982--2020-na-cidade-demontes-claros--mg/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. In: RIBEIRO, Djamilia. **Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 14 mar. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/wp-content/uploads/2019/12/minilivroboitempo_patricia-hill-collins.pdf. Acesso em 21 abr. 2024.